

Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper	
Curso	Mestrado em Aconselhamento – STM
Disciplina	O Perfil do Conselheiro Bíblico e Seus Procedimentos
Professor	Prof. Carlos Mendes
Aluno	William Freitas da Silva e Silva

Relatório de Leitura: Motivação: Porque faço o que faço?

Texto: Motivação: Porque faço o que faço? Tradução e adaptação de Motives: Why Do I Do The Things I Do? Publicado em The Journal of Biblical Counseling. v. 22, n. 1, Fall 2003. p. 48-56.

Edward T. Welch é conselheiro e membro do corpo docente da CCEF, PhD em aconselhamento na área de neuropsicologia da Universidade de Utah e tem um grau de Mestre em Divindade do Seminário Teológico Bíblico. Tem atuado na área de aconselhamento por mais de trinta anos e escrito diversos livros e artigos. (Fonte Wikipédia)

Introdução - Descrição do panorama geral do texto

O autor apresenta as motivações como um fruto da condição espiritual do coração e como o aspecto definidor de comportamentos, atitudes e prioridades. O coração, por sua vez, é entendido como um abrigo para os ídolos que são a causa primeira dos pecados, nos afastam de Deus e que devem ser tratados com arrependimento e fé.

O texto apresenta o único caminho redentor para a terrível situação em que o homem se encontra, ao defender que somente um verdadeiro conhecimento da pessoa de Jesus Cristo pode libertar o homem de si mesmo e dos seus ídolos.

Análise do texto

O motivo pelo qual as pessoas fazem o que fazem é, até certo ponto, mais importante do que aquilo elas fazem. Isto porque as verdadeiras motivações, apesar de nem sempre ser aparente, são a origem e a causa de todos os demais comportamentos.

A complexidade desta análise reside no fato de que um único comportamento pode ser determinado por múltiplas motivações interdependentes. No entanto, em que pese a

complexidade do ser humano, a motivação das pessoas pode ser descoberta a partir de alguns questionamentos simples, como por exemplo: O que faz a pessoa feliz? Ou o que lhe dá segurança ou senso de identidade?

Outro aspecto que pode dificultar esta análise é que as motivações normalmente são questionadas somente quando nos arrependemos de algo que fazemos, ou quando incertezas existenciais vem à mente e, por isso, precisaremos de mais informações se quisermos compreender melhor a alma humana. Precisamos ir além de nós mesmos. Precisamos da luz das escrituras.

Tese do livro e argumentos centrais

A tese principal do texto é que as motivações revelam os ídolos do coração e que somente um conhecimento pessoal de Jesus Cristo pode libertar o homem. Os argumentos que sustentam esta tese são os abaixo descritos.

Motivações como atos de rebeldia

Existe sempre uma escolha intencional de rebeldia contra Deus por trás das motivações humanas. Calvino, ao refletir sobre Romanos 1, afirma que os homens, quer queiram, quer não, são obrigados a reconhecer os sinais da divindade. No entanto estes sinais têm sido abafados.¹ O homem, ao não glorificar Deus como Deus e ao trocarem a verdade pela injustiça, tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios, tiveram seus corações endurecidos e tornaram-se loucos. Estas verdades reveladas apontam para a profundidade e para a abrangência da rebeldia do coração humano.

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça. Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Romanos 1:18-21

As motivações humanas que não tenham a glória a Deus como propósito são sempre atentados pessoais e conscientes contra a pessoa de Deus.

¹ As Institutas. Ed Clássica. Ed Cultura Cristã. Vol. 1, p.57.

Murmuração como idolatria

A murmuração apesar de ser considerado, por muitos cristãos, com um pecado de menor gravidade, na verdade, pode revelar uma forma de idolatria profundamente arraigada, pois aponta para a uma insatisfação contra aquilo que Deus já proveu. A consequência é que a pessoa buscará a sua satisfação em outras fontes que não o seu Criador.

No coração sempre existe um compromisso de fé, e algo ou alguém em quem confiamos e que escolhemos servir. As reais motivações sempre aparecem nos momentos mais difíceis, revelam o coração e mostram a quem somos fiéis.

O povo de Israel oferece alguns exemplos.

Então toda a congregação levantou a sua voz; e o povo chorou naquela noite.
E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhes disse: Quem dera tivéssemos morrido na terra do Egito! ou, mesmo neste deserto! Números 14:1,2

Este texto é um exemplo onde uma motivação aparentemente sadia se revelou em idolatria pois, Deus havia se revelado como o Deus capaz que iria guiar o seu povo contra os inimigos, mas, mesmo assim, o povo murmurou contra Deus. Os israelitas na verdade não tinham tudo o que queriam, ou seja queriam mais do que Deus já tinha definido como suficiente e por isso murmuraram.

Todo pecado pode ser resumido como uma forma idolatria

Os ídolos são levantados dentro do coração e fazem com que as pessoas estejam a favor ou contra Deus. As passagens bíblicas que alertam sobre isso são várias: Deus ou o mundo (Deut 6.5), pessoas ou Deus (Jr 17.5-8), dinheiro ou Deus e o diabo ou o Senhor (1 Jo 3.10) são alguns exemplos.

E vieram a mim alguns homens dos anciãos de Israel, e se assentaram diante de mim. Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, estes homens levantaram os seus ídolos nos seus corações, e o tropeço da sua maldade puseram diante da sua face; devo eu de alguma maneira ser interrogado por eles? Ezequiel 14:1-3

A pessoa, quando levanta um ídolo, está repetindo a dinâmica do pecado que ocorreu na queda. O homem ao querer ser como Deus (Gen.3. 4,5), descobre que não é possível, pois há um só Deus (1 Cor 8.6) e, por isso, cria falsos deuses que somente são adorados enquanto servem ao próprio homem. Assim, qualquer forma de idolatria é, antes de tudo, uma tentativa humana falha de criar um deus a sua própria imagem e semelhança,

e por isso, o coração vive a fabricá-los. Por isso o primeiro mandamento é de que o homem não tenha outros deuses, pois esse pecado é a origem de todos os outros (Ef 2.3).

Os nossos relacionamentos revelam os nossos ídolos

Os nossos ídolos além de serem revelados por meio de nossas motivações, também são revelados dentro do contexto relacional. Muitas vezes a ira que é manifestada nos relacionamentos é a única defesa disponível para defender os ídolos do coração. Uma vez que isto é compreendido, os relacionamentos mais difíceis passam a ser instrumentos de Deus para o aperfeiçoamento.

Defendemos os nossos ídolos porque acreditamos que eles nos darão o que necessitamos e, por isso estabelecemos com eles relações de afeto e poder, ou seja, devotamos o nosso afeto, desde que eles me respondam com a satisfação que necessito. No entanto, a realidade é outra, pois o ídolo, na verdade, engana, destrói e depois mata. Esta é a verdade por trás do relacionamento com os ídolos.

Mudança de Coração

O coração é enganoso e perverso e esta é a terrível realidade humana.

Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Jr 17.9

A idolatria no cristão é bem mais sutil, porque apesar de não se apresentar na forma grotesca de imagens, pode se apresentar por meio de coisas que são colocadas no lugar de Deus para a obtenção da segurança e perante as quais o cristão se dobra e as elege para fazer a sua vida funcionar.

Tudo o que o cristão precisa para viver de acordo com a vontade de Deus já lhe foi dado, mas a verdadeira mudança só começa quando o cristão passa a conhecer verdadeiramente a pessoa de Jesus Cristo. Somente nele é possível depositar todos os medos e angustias que, por vezes, nada mais são do que reações que em busca de redenção e salvação.

Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento daquele que nos chamou pela sua glória e virtude; 2 Ped. 1.3

A certeza da vitória reside no fato de que Jesus é o próprio Deus que intercede por nós.

Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno. Heb 4.16

Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Heb 7.25

Conclusão

Algumas conclusões que resumem o aprendizado que o texto nos trouxe são:

- Precisamos desesperadamente de Deus, precisamos dele muito mais do que imaginamos e até mesmo do que gostaríamos;

- O nosso coração é muito mais perverso do que aparece na superfície e precisamos aprender a lidar com isso;

- O coração das pessoas com as quais lidamos também é perverso com o agravante de que, muitas vezes, seremos alvo dos pecados que estamos combatendo, ou seja, estamos em guerra contra o pecado e seremos feridos por ele. Esta perspectiva nos leva a buscar em Deus a força para suportarmos a caminhada. Sem Ele é impossível,e;

- Como cristãos e líderes, temos o dever e o privilégio de andarmos de modo digno da vocação a que fomos chamados, sempre buscando o arrependimento pelos nossos pecados para que Cristo possa ser manifestado em nossas vidas.

O texto contribuiu para a uma compreensão mais profunda do problema do coração e de quão é absoluta a necessidade que temos de conhecer verdadeiramente a Deus para nos libertar de nossos ídolos e de nós mesmos.

Um último aprendizado que tirei desta leitura é que aquele que vê a criação em todo o tempo e que continuamente mantém a vida é o mesmo que revela os corações e perdoa.